



A fotografia no estudo da cidade, um exercício metodológico

Cláudia Eliane Ilgenfritz Toso

Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Jaeme Luiz Callai

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí

Resumo

O presente artigo tem como intenção refletir sobre o estudo da cidade, tomando como referência Ijuí, que é uma pequena cidade situada no sul do Brasil. São apresentadas possibilidades metodológicas para o estudo da cidade e de sua história, especialmente fazendo uso de fotografias que fazem parte do acervo disponível no Museu Antropológico Diretor Pestana e imagens produzidas de duas artistas plásticas que retratam uma mesma região da cidade em suas obras. As reflexões estão organizadas em dois momentos: - Estudar a cidade; - Estudando a cidade de Ijuí: história e imagens. Tanto as fotografias, quanto as imagens referem a tempos distintos, possibilitando que os estudantes desde a educação básica até a universidade conheçam a história da cidade e se situem enquanto sujeitos pertencentes ou não a ela.

Palavras chave: Paisagem; História; Cidade; Metodologia; Fotografia e pintura

Abstract

This article intends to reflect about the study of the city taking as a reference Ijuí, a small city in the south of Brazil. It presents methodological possibilities to study the city and its history specially using photographs from the collection of the Museu Antropológico Diretor Pestana and from two plastic artists whose work portrays the same region in the city. First, it pursues the study of the city. Then, the study of the city of Ijuí through history and images. Both the photographs and the images refer to different time periods, making it possible for the students from basic education to university to know the history of the city so they can take their place in it - or not.

Keywords: Landscape; History; City; Methodology; Photography; Painting

ISSN 2704-8217

doi: <https://doi.org/10.6092/issn.2704-8217/11918>

Copyright © 2020 the authors

This work is licensed under the Creative Commons BY License

<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

*Guardo la mappa della città, come se esaminassi
L'anatomia di un corpo
C'è tanto angolo strano, tante sfumature di pareti
Ci sono tante belle ragazze per strada che non ho camminato
(E c'è una strada incantata che non ho mai sognato nei sogni)*
Mario Quintanaⁱ

INTRODUÇÃO

Na história da humanidade a cidade, a urbe, representou uma importante conquista civilizatória. Para muitos autores a superação do nomadismo período em que as sociedades humanas eram profundamente dependentes do ciclo da natureza, vivendo do que ela lhes oferecia, num sistema de coleta, representou a possibilidade efetiva da construção da experiência civilizatória. A natureza, e por consequência a errância nômade, é que determinava até então, onde, como e quando poderiam os homens prover sua subsistência, sua morada, desenvolver a sociabilidade do grupo. A superação do nomadismo resulta na criação das cidades o que é conhecido como a Revolução Urbana. A partir da cidade as sociedades humanas tornam-se mais complexas não só na dimensão da capacidade de dominação técnica e tecnológica da natureza graças a domesticação de plantas e animais, mas especialmente pelo desenvolvimento de novas formas de sociabilidade mais amplas.

Ao longo dos séculos a cidade transforma-se na imagem irretocável da civilização e da civilidade. São as cidades, as grandes cidades, que expressam a força, o poder das diferentes sociedades. Não por acaso o refinamento das relações interpessoais é identificado, na linguagem, com termos como urbanidade, isto é, qualidade do que é, ou de quem é urbano, em oposição ao rústico identificado como camponês, ou ainda selvagem. Os próprios contos infantis identificam, via de regra, a floresta como o lugar que abriga o perigo, o monstro, pois a ameaça não está na cidade, mas sempre fora dela.

É a cidade o locus do poder político, econômico, cultural. Nela está a sede do governo, seja qual for a extensão territorial e administrativa. Nela está o mercado no qual se realizam as trocas físicas de mercadorias e bens à exemplo das feiras medievais ou, na atualidade, as trocas virtuais nas bolsas de mercadoria ou de valores. É nela ainda que se desenvolvem as expressões máximas da cultura – universidades, teatros, escolas, bibliotecas. É a partir da cidade que se irradiam os novos modos de

convivência societária.

A cidade adensa num espaço agora mais limitado, em diferentes padrões de conformação espacial, a população, os circuitos econômicos, as estruturas de poder político, as atividades culturais. Historicamente as cidades desenvolveram diferentes tipologias no seu traçado, no seu desenho, a depender sempre das características ou funções que marcam sua historicidade. Ora cidades mercantis, ora cidades administrativas, ora cidades militares ou cidades religiosas. Seja qual for a função da cidade, ou sua tipologia, ao correr do tempo a fisionomia da cidade vai, dinamicamente se transformando, justapondo diferentes camadas a acolher o novo, ao esconder formas passadas. É nessa fisionomia cambiante que se revela a história de cada cidade em particular, a história vivida pela e na cidade está escrita em suas ruas, praças, edificações. O desafio é realizar a leitura, a decodificação destes signos, compreendendo como estes espaços são produzidos.

Há diferentes formas de conhecer a cidade, de estudá-la. O desafio primeiro é definir o que se quer conhecer, o que se quer estudar numa cidade selecionando elementos que podem auxiliar nesse processo, bem como planejando metodologicamente o trabalho. Nesta definição há sempre um ato de vontade. Para além de um olhar que objetiva identificar o que ela nos quer dizer importa, mais que isso, desvelar o que ela por assim dizer esconde. Alguns exemplos ajudam a entender quando e como é que a cidade nos fala. Como ela se apresenta ao olhar do visitante, do turista, até mesmo de seu morador.

Toda cidade possui, ou almeja possuir, seu cartão postal. Uma espécie de *selfie* a revelar o que ela tem de mais bonito, pitoresco, peculiar, mais típico, sua autoproclamada identidade. Quais as imagens que nos vem a mente quando pensamos no Rio de Janeiro? O morro do Corcovado e a estátua do Cristo Redentor, não o morro do Borel; as praias de Ipanema, Leblon, Copacabana, não o piscinão de Ramos. Nova York é identificada pela 5ª Avenida, Estátua da Liberdade; Paris pela Avenida Champs Elysee, Torre Eiffel; Roma pelo Coliseu; Veneza pelas gondolas e seus canais. Enfim, cada cidade tem sua imagem característica?

Sim, cada cidade constrói uma imagem bela e virtuosa de si mesma. Uma imagem que, embora não seja falsa, não revela toda verdade, todas as dimensões de suas características e realidades. Cabe, pois ao observador des-cobrir a cidade em busca de sua multifacetada realidade que se abre e se revela em toda sua riqueza ao olhar atento e interessado do pesquisador ou do estudioso. Nesse sentido questiona-se, pois como se apresentam ou são identificadas pelo público em geral nossas cidades,

pequenas cidades, não tão famosas? Qual é seu *selfie* preferido? O que melhor caracteriza estas cidades: a praça central, a igreja, as edificações centenárias? Como nos ensina o poeta, *“há tanta esquina esquisita, tanta nuance de paredes... nas ruas que não andei, e uma rua encantada que nem em sonhos sonhei”* (Mario Quintana).

A pesquisa histórica permite aproximar-se de uma resposta à estas questões. O historiador ao perscrutar o passado reconstitui uma realidade, uma história que por vezes encontra-se soterrada sob os escombros do tempo, dos distintos processos vividos. É este trabalho paciente que lhe permite encontrar entre os escolhos o que procura. Sempre sob a condição de que saiba o que procura. Usualmente o historiador trabalha com textos escritos, mas cada vez mais se utiliza de outros suportes de informação dentre os quais assume crescente importância, para o estudo de períodos históricos recentes, a fotografia.

... as fotografias não devem ser utilizadas simplesmente como uma ilustração do texto verbal, mas como fontes de pesquisas, visto que os elementos que a compõem são recortados de determinados contextos sociais. Embora a fotografia seja uma representação visual, todos os elementos ou pessoas que estiverem por um momento em frente a uma câmera fotográfica são plausíveis de serem alocados em um determinado tempo e espaço. (Canabarro, 2011, p. 21)

Mesmo que o autor da fotografia escolha o que registrar, a partir de que ângulo, o que tem intenção de mostrar e/ou esconder, ela é entendida como uma importante fonte documental para estudo da história e aqui da cidade. O estudo histórico da cidade se realiza pois com o apoio da documentação escrita, relatórios administrativos, fotografias, mapas, croquis e plantas, depoimentos pessoais, especialmente suas edificações, seus monumentos, seus logradouros e ainda o relevo, o território, o sítio em que está implantada. A respeito da fotografia, um comentário. As imagens constituem uma espécie de texto no qual é possível distinguir a informação dita objetiva que ela revela, mas também a intencionalidade, o ponto de vista do fotógrafo. Conforme Marques (1990, p. 18)

Como obra humana, a fotografia se inscreve no mundo da intencionalidade: houve razões e motivos para produzi-la e guardá-la. Nela se realiza um processo de comunicação em que três intencionalidades se cruzam: a do fotógrafo, a da(s) pessoa(s) fotografada(s) e a do espectador, cada qual com seu papel ativo.

Para além da fotografia outras imagens podem auxiliar na compreensão do processo histórico de uma cidade, de uma sociedade, de um povo, de um país, ou

mesmo sobre os mais diversos objetos de investigação e estudo na história da humanidade. Para Borghi (2009, p. 150) “quando ci approcciamo ad osservare un dipinto spesso siamo sollecitati a vedere ciò che ci è stato suggerito di vedere”ⁱⁱ. Ainda segundo a autora (p. 152) é necessário que se compreenda o contexto em que tal obra foi produzida, especialmente “suo contesto storico, sociale, culturale, ambientale...” para que assim possa realizar uma análise com maior sentido.

O presente artigo tem como intenção refletir sobre o estudo da cidade e está dividido em dois momentos: - Estudar a cidade; - Estudando a cidade de Ijuí: história e imagens. Propõe ainda, o exercício metodológico do estudo da cidade, tendo como referência a cidade de Ijuíⁱⁱⁱ. Trata-se de uma pequena cidade situada no sul do Brasil. A proposta metodológica parte da história de Ijuí, utilizando como recursos metodológicos principalmente a fotografia e imagens de duas artistas plásticas que retratam uma mesma região da cidade. Tanto as fotografias, quanto as imagens referem a tempos distintos, possibilitando que os alunos desde a educação básica até a universidade conheçam a história da cidade e se situem enquanto sujeitos pertencentes ou não a ela.

ESTUDAR A CIDADE

Ijuí é uma cidade criada artificialmente em meio a floresta. O governo central, ao final do século XIX, no esforço de ocupação territorial das áreas periféricas do território sul brasileiro, implanta núcleos de colonização atraindo para isso camponeses europeus dispostos a migrarem em busca de novas oportunidades econômicas. Ainda antes da chegada dos primeiros imigrantes destinados à área, já estão demarcados não só os lotes rurais, mas também o sítio urbano da futura cidade. No meio da floresta o traçado, ortogonal, arbitrário é a expressão de uma determinada concepção de sociedade. Concepção esta em consonância com o dístico da bandeira nacional – *Ordem e Progresso*, numa manifesta pretensão de submeter a natureza à força da civilização e da cultura exógena.

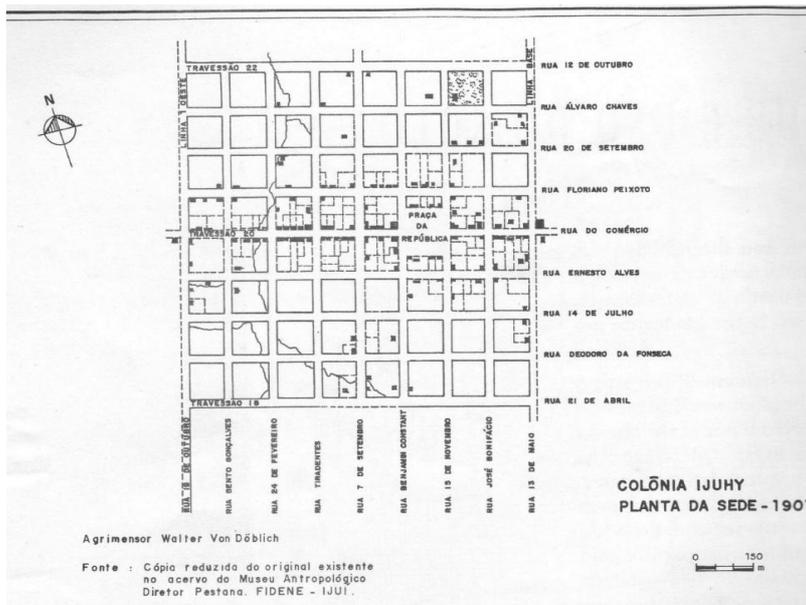


Figura 1 – Planta de Ijuí em 1901

Fonte: Callaj; Azambuja & Kohler, 1994

É possível visualizar na Planta de 1901 que a Praça se localiza ao centro, ao seu redor o arruamento no sentido leste-oeste, e norte-sul num traçado rigorosamente ortogonal. Na interessante descrição publicada em 1896 pelo Pe. Cuber,

A vila situa-se bem no centro da colônia e seu tamanho é de um quilometro quadrado. Os colonos chamam-na de metrópole ou barracão... (a) falta de previsão podemos constatar na reserva das áreas destinadas aos edifícios públicos que deveriam embelezar a cidade. Casas particulares foram edificadas em lugares privilegiados, enquanto para as igrejas foram destinados lotes inadequados. (Cuber, 2002, p. 22)

Com o passar dos anos, esta vila como é referido na descrição acima deixa a condição de vila e torna-se então cidade, e é assim descrita no final dos anos 1930:

A cidade de Ijuhy é composta de trez collinas. Uma, onde se chega; outra onde se descança, e a terceira, onde se fica.

Na primeira collina está a estação de trem: chega-se. Na segunda, os hotéis: descança-se. E na terceira collina está o cemitério: fica-se.

Palavras textuais dum colegial ijuhyense ao escrever sobre o thema: ‘A cidade de Ijuhy; sua topografia’. (Ludwig, 1940, p. 142).

Na atualidade a cidade expandiu-se mais, para além das três colinas iniciais. O cemitério foi destruído e em seu lugar instalada uma praça pública. A via férrea deixou de ser ponto de chegada ou partida de viajantes, o trem de passageiros foi substituído pelo transporte rodoviário e hoje o ponto de chegada situa-se numa outra quarta ou

quinta colina.

Passado mais de um século da criação do núcleo urbano (1890) um passeio pela cidade permite observar como a dinâmica da sociedade local resultou num alargamento da planta inicial, e mais que isso, como a paisagem da cidade apresenta indícios dessa própria dinâmica a atestar as mudanças e as permanências havidas. A paisagem resultante, que se apresenta aos olhos e à percepção do observador tem as marcas do tensionamento permanente entre as mudanças pretendidas e aquelas efetivamente realizadas. A *Ordem* é marcada pela luta social de camponeses, operários, comerciantes, industriais, cidade e campo; o *Progresso* não é linear, se faz presente o conservadorismo que resiste à mudança. Num e noutro caso o movimento social se faz em meio à tensão mais ou menos aguda, recoberta sempre por uma narrativa hegemônica.

A cidade então pode ser compreendida como uma produção das relações vivenciadas nela, resultado de tensões, conflitos, transformações e permanências. O estudo sobre a cidade pode ser desenvolvido a partir de diferentes estratégias metodológicas, dependendo das escolhas do professor, bem como dos recursos disponíveis como relatórios, fotografias, diários, considerando ainda quem são alunos. Para tanto, é preciso possuir conhecimentos prévios sobre como as edificações poderão ser selecionadas, como se define o valor histórico ou arquitetônico. Dependendo da série em que se desenvolve a atividade é possível construir formas de registro diferenciadas, desde o uso de Fichas Didáticas – onde os alunos podem fazer registros escritos ou desenhos -, até produção de vídeos ou slides que representem o estudo realizado. Este estudo pode ser realizado seguindo diferentes roteiros:

Uma modalidade de roteiro é percorrer as ruas da cidade, no dizer de Caetano Veloso, “caminhando contra o vento, sem lenço, sem documento eu vou... por entre fotos e nomes, os olhos cheios de cores, o peito cheio de amores. Eu vou”^{iv} (Veloso). Este é o momento de andar pelas ruas, olhando o que normalmente nos passa despercebido, interrogando a si e as edificações, os nomes das ruas, como elas se configuram. É a possibilidade de espantar-se, de descobrir o que muitas vezes não percebemos no cotidiano. O exercício de percepção vai se revelar mais ou menos rico de acordo com os olhos e o repertório histórico e cultural de quem vê.

Outra possibilidade é identificar o local de antigas edificações e o que se encontra atualmente neste lugar. Uma imagem, uma foto, ou mesmo uma descrição poderia nos informar de determinada edificação que não mais existe, destruída pelo tempo, pela especulação imobiliária. Trata-se de um exercício de contrastar a antiga imagem, uma lembrança, uma referência, preservada numa foto, com a edificação atual

diante da qual nos quedamos a pensar no que foi ontem e no que é hoje.

Roteiro de Exploração para produção de um catálogo: os alunos identificariam edificações mais ou menos antigas que resistem ao tempo, à mudança de suas funções de uso, ao desgaste das intempéries e do descuido patrimonial. Resultaria um catálogo/cadastro das edificações de maior valor histórico, arquitetônico ou de interesse do observador.

ESTUDANDO A CIDADE DE IJUÍ: HISTÓRIA E IMAGENS

A cidade de Ijuí já referida, agora é objeto de estudo a partir de uma rua, a Rua do Comércio que possui destaque especial. Já quando do traçado inicial, ver Figura 1, as ruas foram nominadas todas, de modo intercalado, referindo-se a personalidades ou datas pátrias. Um personagem, uma data. Todas as ruas obedecem a esta lógica – Rua 13 de maio, Rua José Bonifácio, Rua 15 de novembro... no sentido Leste-Oeste, Rua Álvaro Chaves, Rua 14 de julho, Rua Ernesto Alves... no sentido Sul-Norte. A exceção é precisamente a Rua do Comércio que atravessa a cidade, no sentido Leste-Oeste. Seu prolongamento, numa e noutra direção, adentram a área rural produzindo uma ligação simbólica entre o urbano e o rural. Ou se quisermos podemos ver neste traçado a expressão da drenagem econômica e sócio cultural do meio rural em direção ao urbano. Para efeito deste exercício metodológico tomamos um segmento da referida rua, o trecho que liga o traçado da via férrea, próximo da Estação Ferroviária até o centro da cidade, a Praça da República.

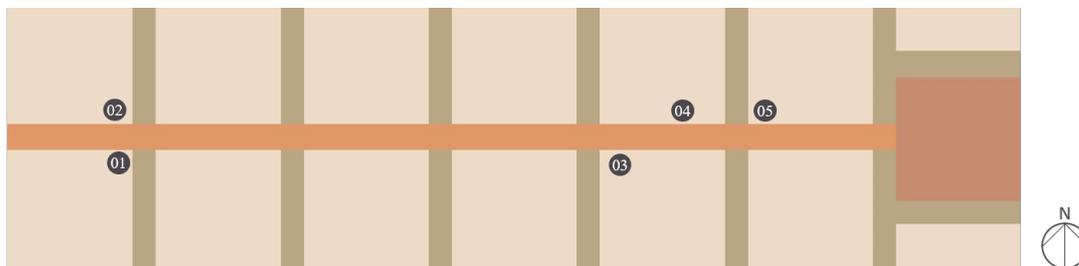


LEGENDA

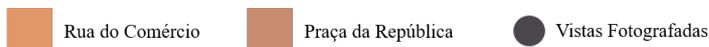
 Região Antiga Ferroviária  Praça da República  Rua do Comércio

Elaboração: Wildner (2020)

Etapa 01 - Inicialmente uma saída de reconhecimento pela cidade permite ao observador ver a cidade, como ela hodiernamente se apresenta. Como ela é quando submetida ao nosso olhar presencial e direto. Os alunos são orientados a realizar o registro em um croqui representativo do trecho objeto do estudo, registram-se os pontos de maior interesse histórico, arquitetônico, paisagístico seguindo determinado sistema de convenções previamente construído sob orientação do professor. Ao realizar o roteiro e observar os elementos que configuram o espaço e a paisagem, registra-se e então propõe-se uma análise em que o observador explicita sua percepção da cidade, que questões a observação suscita? O resultado deste primeiro momento de estudo é bem mais do que um cadastro do que foi observado, é necessário avançar na análise arrolando possíveis questões que estariam a demandar estudos mais aprofundados para entender a atual conformação da cidade.

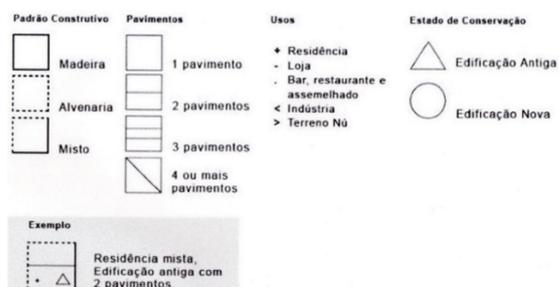


LEGENDA



Modelo de Croqui da Rua do Comércio, trecho entre a Praça da República e a linha férrea -
Elaboração: Wildner (2020)

O registro da observação, no croqui, pode ser realizada através de uma convenção que, hipoteticamente pode ser assim configurada:



Exemplo de convenção – Elaboração: Callai, J. (2020)

Etapa 02 - A observação preliminar por certo suscita um sem número de interrogações, que demandam um estudo mais aprofundado. É hora de definir quais destes elementos interessa estudar. O primeiro passeio permitiu uma vista de olhos, mais sensorial, momento em que o observador é impactado pelo que observa. Como é que a cidade se apresenta, como ela quer ser vista? Diante das diversas possibilidades de estudo procede-se a definição de quais elementos e características são de interesse. Nova observação agora com critérios, com intencionalidade, permite ler a cidade. Neste momento a paisagem urbana, as imagens, suas feições, transformam-se numa espécie de texto. Inicia-se então a elaboração de uma narrativa cuja completude e complexidade é resultado da maior ou menor argúcia do observador no aproveitamento dos elementos indiciários nela contidos.

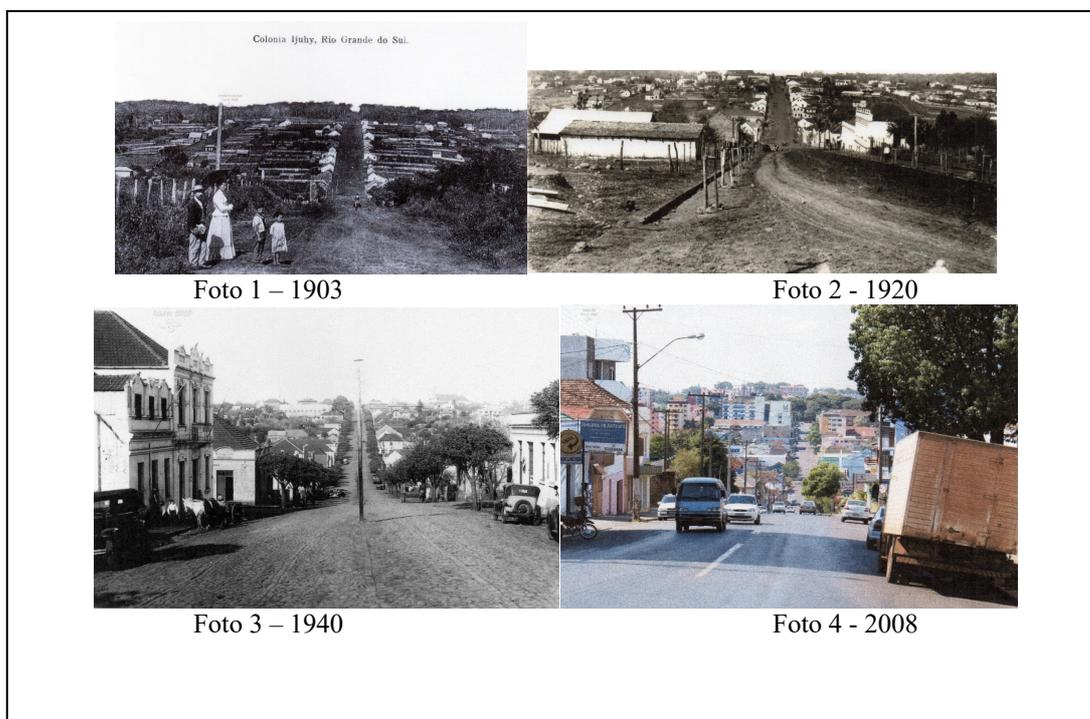
Como resultado da primeira observação considera-se interessante a identificação de algumas edificações mais antigas das quais interessa conhecer a história e seus usos. As mesmas estão indicadas no croqui pelos números 01, 02, 03, 04 e 05.

Etapa 03 - A observação da paisagem urbana revela edificações de diferentes tempos históricos. Algumas resistem ao “progresso”. Mais ou menos desfiguradas em suas feições originais, elas resistem. Assumindo novas funções, novos usos, elas resistem. Como saber sua feição primeira?

Essas questões podem buscar respostas nas fotografias selecionadas pelo professor e que retratam a referida rua e mesmo um pouco mais do núcleo central da cidade. As edificações selecionadas, numeradas de 01 a 05, são visíveis em fotos anteriores? É possível determinar aproximadamente o lapso de tempo em que as mesmas foram construídas, passando então a fazer parte da paisagem urbana. A análise comparativa das fotos selecionadas permite identificar a partir de quando aquelas edificações fazem parte da fisionomia da cidade.

É preciso conhecer mais detalhes? Este é o momento da busca de fontes documentais que permitam conhecer o que não mais é. Conhecer o que foi, como foi? Como saber do passado desta Rua, para muito além do que ela já nos disse ao observarmos, ao escutá-la com atenção? O uso de diferentes fontes pode auxiliar na construção de conhecimentos sobre estas questões, especialmente com relação as fontes iconográficas propostas neste estudo. Dentre os possíveis testemunhos a fotografia é importante fonte de pesquisa. Para o caso em estudo é possível recorrer ao valioso acervo fotográfico do Museu Antropológico Diretor Pestana^v (com um conjunto fotográfico que abarca mais de cem anos da história de Ijuí e da Rua do Comércio.

Ao examinar o acervo fotográfico disponível foram selecionadas 04 fotografias que sinalizam as permanências e transformações através do tempo.



Na fotografia de 1903 é possível visualizar uma primeira vista da cidade, talvez o testemunho iconográfico mais antigo disponível; uma segunda fotografia de meados dos anos 20 nos mostra algumas mudanças, a estas acresça-se outra foto, esta dos anos 40 na qual é possível observar sinais significativos da modernidade representada pelos automóveis e iluminação pública. E por fim uma foto mais recente, já do século XXI. Com elas percorre-se mais de um século da história da Rua do Comércio. Ao retrato que nos é fornecido pelo fotógrafo contamos neste estudo com o apoio de outras duas imagens produzidas por artistas plásticas da cidade. Por certo as fotografias são mais “reais”, enquanto as pinturas têm muito da emoção do artista, pois este se permite com maior liberdade poética ao exprimir o que vê e então retrata. Para Bittencourt (2004, p. 366) “a fotografia registra fatos, acontecimentos, situações vividas em um tempo presente que logo se torna passado”.

As fotografias enquanto tal constituem-se em instantâneos. Fotos que cristalizam determinados momentos, capturam o instante. Nelas não há movimento, não há mudança. O movimento, a mudança são percebidos quando se observa, lado a lado, fotos de tempos diversos. A sucessão de instantâneos nos possibilita a percepção da mudança, o processo de transformação. Se a foto isoladamente captura o instante, as fotos em sequência transmitem a sensação do movimento. É como se estivéssemos

diante de um filme, talvez em câmara lenta, a nos revelar as mudanças mais ou menos rápidas, as mudanças mais ou menos lentas.

Todas as fotos e também as pinturas aqui utilizadas, revelam a cidade a partir do Oeste, um “olhar” a partir dos altos da rua do Comércio, proximidades da via férrea, como se todos buscassem um ângulo que lhes permitisse olhar a cidade, o centro da cidade. Uma possível metáfora do campo olhando a cidade, o rústico admirando a urbe.



Foto 01 – Vista do núcleo urbano, 1903. (Acervo MADP/CB)

Esta é possivelmente a fotografia mais antiga do núcleo urbano de Ijuí. É observável o alinhamento das edificações em ambos os lados da Rua do Comércio, e das demais ruas a revelar claramente a obediência ao traçado das vias urbanas conforme o planejamento inicial. Conquanto não seja visível é razoável supor que em terrenos urbanos com tal amplitude seja encontrada horta, pomar, criação de pequenos animais e mesmo vaca de leite. Afinal se está diante de um núcleo urbano ainda com profunda ligação com a vida rural.

O terreno nu, coberto por vegetação, em primeiro plano, pertence à área rural, no prolongamento da via urbana que demanda a área de propriedades rurais à Oeste. As primeiras edificações demarcam o limite da cidade sobre o eixo norte sul da Rua 19 de Outubro. Ao fundo é possível vislumbrar a mata original. A rua com bem delineado traçado não apresenta qualquer tipo de pavimentação, os postes alinhados à esquerda da rua possivelmente destinavam-se aos fios do telégrafo posto que a luz elétrica só é implantada na cidade anos mais tarde.

Sabendo-se que os lotes urbanos possuíam 25 metros de testada, por 40 metros de profundidade é possível identificar as cercas que dividiam os referidos lotes, estendendo-se no sentido norte -sul, construídas com madeira (matéria prima abundante à época).

As edificações são de um pavimento, eventualmente com sótão. Das edificações selecionadas no Passo 2 nenhuma delas encontra-se presente nesta foto.



Foto 02 - Vista da cidade, final da década de 1920. (Acervo MADP/AI)

À direita da rua, quase que em primeiro plano é visível a edificação de número 01, dentre aquelas selecionadas ao início deste exercício. Na atualidade a edificação abriga diversas lojas, mas inicialmente era utilizada como hotel. A localização deste, muito embora relativamente distante do centro da cidade estava próximo da Estação Ferroviária, ponto de chegada à cidade. Posteriormente a edificação passou a fazer parte das instalações de importante empresa do comércio local. É visível também um significativo adensamento e edificações não só na Rua do Comércio, mas também por outras áreas da cidade. Nesta via é possível identificar novas edificações a revelar maior dinamismo econômico e a consolidação do núcleo colonial que havia se emancipado em 1912, quando já está concluída a ligação por ferrovia com o restante do país.

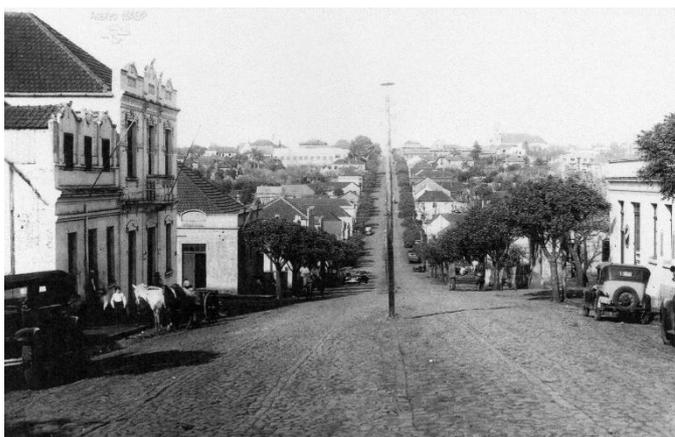


Foto 03 - Vista da cidade, anos 1940. (Acervo MADP/CB).

Na confluência das ruas 19 de outubro com a rua do Comércio, em primeiro plano à direita a edificação de número 01 anteriormente identificada e na esquerda a edificação de número 02, em dois pavimentos. Esta era originariamente utilizada como residência, na atualidade abriga além de residência no pavimento superior, loja

comercial no térreo. A edificação logo ao lado foi parcialmente destruída restando somente a fachada do pavimento térreo.

Ainda ao lado direito da rua, mais adiante é possível observar a edificação que indicamos pelo número 03. Residência, posteriormente casa comercial, na atualidade abriga uma agência da Empresa de Correios e Telégrafos e logo acima, agora a esquerda as edificações de número 04 e 05. A primeira destas destinava-se a residência e atualmente abriga diversas lojas comerciais, já a quinta edificação abrigou a primeira revenda e oficina de automóveis da cidade juntamente com a residência dos proprietários no segundo pavimento. Atualmente o prédio abriga lojas diversas e uma farmácia. Observe-se o pavimento em rocha basáltica, o posteamento da iluminação pública implantada no meio da via, a arborização junto aos passeios, alguns automóveis e ainda veículos de tração animal.



Foto 04 – Vista da cidade, ano 2008 (Acervo MADP. Gerson Atkinson)

Nesta foto atual da cidade, tomada acima da via férrea em que é possível visualizar à direita a edificação de número 03 e à esquerda identifica-se a edificação de números 02 e 04 anteriormente descritas, mas aquela de número 05 tem sua visão encoberta por edificação construída nos anos 60/70 em quatro pavimentos. A rua, agora com pavimentação asfáltica, com a rede elétrica e iluminação na lateral esquerda chama a atenção pelo fluxo de veículos e a quase total ausência de arborização. As edificações visíveis todas em alvenaria com a presença de edifícios concentrados na área mais central da cidade.

A observação, par a par, da primeira foto com a última mostra claramente a radical transformação de uma cidade “rural”, numa cidade propriamente urbana. É um século de transformações, de desenvolvimento sócio econômico plasmando na fisionomia da cidade. Este exercício de leitura da cidade pode ser enriquecido com a busca de outras fotografias, aproveitando a riqueza do acervo disponível no Museu

Antropológico Diretor Pestana. Neste caso trata-se de observar trechos específicos da referida rua aproveitando fotos tomadas de outros ângulos de observação.

Até aqui utilizou-se a fotografia como fonte documental. Instantâneos, a revelar momentos da história da cidade. Conforme Bittencourt (2004, p. 366) “a diversidade de registros fotográficos assumiu a condição de fonte importante de estudo da sociedade contemporânea”. Para além da fotografia, outra fonte documental, ainda imagética, são pinturas nas quais fica manifesto um modo diferenciado de intervenção. Enquanto a fotografia revela o que está efetivamente visível num momento dado, submetido sim ao olhar do fotógrafo cuja intencionalidade se expressa no enquadramento, na busca de determinada luminosidade, no que mostrar e no que esconder. Aliás, todas as fotos são captadas no período da tarde, com o sol às costas do fotógrafo de modo a revelar com maior nitidez a paisagem da rua e da cidade.

As pinturas, por sua vez, conquanto se assemelhem à retratos não o são propriamente. Pode-se dizer que elas não retratam o que é visto pela artista, o que é diretamente visível no ato mesmo da pintura, retratam isto sim a lembrança, a memória do visto. A pintura é quase que um uma realidade imaginada. Imaginada a partir de imagens rememoradas, gravadas na memória vivida pelas autoras. As memórias podem ser compreendidas como construções que ocorrem durante a vida do sujeito e no caso das artistas plásticas, essas memórias são acessadas e passam a compor a obra de arte.

A primeira pintura é de autoria de Ingeborg Lenz Mafra que passou a residir em Ijuí onde desenvolveu sua vida privada e sua atividade de artística plástica e professora de Artes em escolas locais e na universidade. Numa série de pinturas à bico de pena ela ocupou-se em retratar a cidade de adoção revelando imagens icônicas da mesma, contribuindo assim para reforçar a auto-imagem da própria cidade. São pinturas a revelar o que ela vê, o que ela viu *in situ* e em fotografias, tudo isto recriado com sensibilidade.

A autora da segunda pintura é de Maria da Graça Craidy, artista visual e publicitária, nascida em Ijuí, já adulta passa a residir em São Paulo e atualmente em Porto Alegre. A rememoração de seus tempos de infância e adolescência na cidade faz com que ela estabeleça uma relação especial com “sua” cidade. Uma relação amorosa, memórias imaginadas, de uma cidade que não existe mais, mas que busca preservar na pintura. Uma pintura em aquarela, colorida, alegre como por certo são suas lembranças.



Ingeborg Lenz Mafra

Nesta primeira pintura, uma imagem de inverno se atentarmos para as árvores do passeio, despidas de folhas, a artista parece interessada em ressaltar o alinhamento das edificações na testada dos terrenos como se os moradores quisessem demonstrar sua adesão à dimensão pública de seus interesses e ocupações. Pode-se dizer que as edificações estão apresentadas como ativos participantes da cidade.

É difícil identificar qualquer uma das edificações inicialmente arroladas neste estudo, a autora se preocupou em assinalar os elementos visuais mais característicos das edificações. Fica, pois a dúvida se se trata de uma simples releitura ou da mescla de elementos de diversas fotos e mesmo de lembranças o que resulta numa criação artística a revelar a percepção da autora em relação à cidade, utilizando elementos que compõem a memória da artista.

Na segunda pintura, uma aquarela, a autora não parece preocupada em retratar a cidade, mas sim em evocar a cidade de suas lembranças. A rua central ladeada de casario num jogo de cores, luz e sombras que tornam a imagem fluida quase que a representação de um sonho. Para quem conhece a cidade de Ijuí torna-se fácil identificar sinais característicos da cidade – o perfil de uma casa, o telhado da outra, uma cruz ao alto à direita a evocar uma igreja(?). Os cavaleiros ao centro em primeiro plano lembrança de um tempo relativamente remoto em que eles eram forte presença na cidade.



Maria da Graça Craidy

Os alunos poderão realizar a comparação entre as obras de arte como registros das memórias das artistas e as fotografias que foram selecionadas como objeto de análise. É importante que sejam feitos registros das aprendizagens, fazendo uso de relatórios sobre o trabalho desenvolvido, de acordo com a intencionalidade do professor, os alunos poderão realizar seus próprios registros imagéticos a partir do que foi possível observar durante o roteiro pela rua do Comércio, da análise das fotografias e das pinturas, bem como, dos estudos realizados antes de depois da caminhada inclusive produzindo coletivamente um catálogo sobre as edificações de maior valor histórico e arquitetônico da rua do Comércio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da cidade pode pois ser desenvolvido em diferentes níveis de complexidade. Por estudantes da escola básica ou da universidade, por especialistas - historiadores, arquitetos, geógrafos, ou ainda, por toda e qualquer pessoa interessada em conhecê-la. O interesse do observador traz em si um diferente olhar, uma diferente possibilidade de entendimento do que resulta distintos roteiros, distintos traçados a perscrutar a cidade. O professor pode ser o provocador desta observação, o sujeito que planeja com cuidado e intencionalidade a prática a ser desenvolvida.

O interesse, o esforço em conhecer a cidade, a história da cidade demanda, no caso aqui exemplificado, que iniciemos pela leitura detalhada das fotos e ilustrações. É importante que se observe e descreva os detalhes revelados por cada uma das fotografias. Foto por foto, reunindo o máximo de informações a respeito do que cada imagem torna visível. Feita a observação, descrição de cada um dos elementos passa-se a etapa seguinte que é buscar nas diferentes imagens as permanências, o que não

mudou, vis a vis com a identificação das alterações havidas.

É neste jogo das permanências e das rupturas que se traça a urdidura da trama histórica. Identificadas as rupturas e as permanências é possível com a ajuda de outros recursos informativos ou fontes históricas – jornais, documentação administrativa, testemunhos orais, memorialística, estudos acadêmicos – explicar ou conjecturar sobre o que as imagens revelam e/ou escondem. Feito isso é hora de percorrer a via buscando identificar os sinais presentes nas imagens anteriormente analisadas. Ao realizar este último movimento o observador se deparará com etapas distintas da história da cidade, num trabalho que se assemelha ao do arqueólogo que faz falar fragmentos do passado. Para que se conheça a cidade e sua história é imprescindível acrescer a pesquisa documental em outros suportes. O estudo através das fotografias e imagens é a porta de entrada. Uma bela e instigante porta de entrada!

REFERÊNCIAS

- Bittencourt, C. M. F. (2004). *Ensino de história: Fundamentos e métodos*. São Paulo, Brasil: Cortez.
- Borghini, B. (2009). *Le fonti della storia tra ricerca e didattica*. Bologna, Itália: Pàtron Editore.
- Callai, H. C. (Orgs.). (1994). *Ijuí, atlas escolar*. Ijuí, Brasil: Editora Unijuí.
- Canabarro, I. S. (2011). *Dimensões da cultura fotográfica no sul do Brasil*. Ijuí, Brasil: Editora Unijuí.
- Cuber, A. (2002) *Nas margens do Uruguai*. (2ª ed). Ijuí, Brasil: Editora Unijuí.
- Ludwig, A. (1940). *Uma viagem pelo Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Brasil: Tip. do Centro.
- Marques, M. O.; Grzybowski, L. C. (1990). *História visual da formação de Ijuí*. Ijuí, Brasil: Unijuí Editora.

ⁱ Mario Quintana nasceu em Alegrete em 1906 e foi poeta, jornalista e tradutor. Publicou mais de 20 livros, sem contar as antologias. Traduziu obras de Proust, Giovanni Papini, Virginia Woolf, Voltaire, entre outros. Mais informações sobre o poeta em: <http://www.ccmq.com.br/a-casa-e-o-poeta>

ⁱⁱ Tradução: “quando nos aproximamos de uma pintura, somos frequentemente induzidos a ver o que nos foi sugerido para ver”.

ⁱⁱⁱ Maiores informações sobre Ijuí: <https://www.ijui.rs.gov.br/> ou <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/ijui.html>

^{iv} Música Alegria, Alegria de Caetano Veloso - <https://youtu.be/WL8l8olaMmI>

^v Site do Museu Antropológico Diretor Pestana: <https://www.unijui.edu.br/museu>